



## ‘TRES STATUS MUNDI PROPTER TRES PERSONAS DIVINITATIS’: TEOLOGIA COMO HISTÓRIA TRINITÁRIO-APOCALÍPTICA EM JOAQUIM DE FIORE

(‘Tres status mundi propter tres Personas Divinitatis’: Trinitarian theology as history-apocalyptic in Joaquim of Fiore)

**Vanderson de Sousa Silva**

Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-RJ

Mestrando em Educação pela UFJF

Graduado em Filosofia (IFITEPS)

E-mail: semvanderson@hotmail.com

### RESUMO

O presente artigo intenta perquirir o pensamento do abade e místico medieval Joaquim de Fiore (1132-1202), no que tange a concepção escatológica. O abade cisterciense e filósofo místico, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo deu origem a diversos movimentos filosóficos, com destaque para os joaquimitas. Seu pensamento foi combatido por Tomás de Aquino e condenado pelo Concílio de Laterão de 1215. Partindo de uma releitura dos escritos de Joaquim de Fiore (*Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti, Expositio in Apocalipsim e Psalterium Decem Chordarum*) buscar-se-á ponderar o contributo de seu pensamento, a teologia como história trinitário-escatológica. O abade calabês sente-se autorizado a superar o absolutismo crístico, favorecendo uma concepção mais trinitária da história com acentos escatológicos e apocalípticos. Por fim, o artigo busca contribuir positivamente no retorno aos escritos joaquinitas que muito podem contribuir para a teologia como história humano-Trinitária.

**Palavras-chave:** Joaquim de Fiore. Teologia como história. Trindade.

### ABSTRACT

This article attempts perquirir thought the abbot and medieval mystic Joachim of Fiore (1132-1202), regarding the eschatological conception. The Cistercian abbot and mystic philosopher, advocate of millenarianism and the advent of the age of the Holy Spirit has given rise to various philosophical movements, especially the joaquimitas. His thinking was opposed by Thomas Aquinas and condemned by the Lateran Council of 1215. Starting from a rereading of the writings of Joachim of Fiore (*Novi Liber Concordiae ac Veteris Testamenti, Expositio in Apocalipsim and Psalterium Decem Chordarum*) will seek to consider the contribution of his thought, Trinitarian theology as history-eschatological. The Calabrian abbot feels entitled to overcome absolutism Christic, favoring a more Trinitarian conception of history with accents eschatological and apocalyptic. Finally, the article seeks to positively contribute to the writings joaquinitas that much can contribute to theology as human history-Trinitária.

**Keywords:** Joachim of Fiore. Theology and history. Trinity.

### INTRODUÇÃO

Ser-nos-ia necessário pontuar desde o início, que nosso trabalho intenta examinar a visão teológica de Joaquim de Fiore, principalmente o que tange a concepção trinitário-escatológica com acentos apocalípticos, em vista de resgatar a contribuição do pensamento do *profeta calabês*.



Como assevera Bruno Forte, Joaquim de Fiore descobre o tempo histórico como espaço trinitário, irrompendo, portanto o absolutismo de Cristo em favor de uma visão mais trinitária da história, partindo das *idades* ou etapas do tempo do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A importância teológica da doutrina trinitária na obra de Joaquim nos permite avaliar o seu papel na formação de sua concepção de história (FORTE, 1995, p. 21-22).

## 1. PRAFAÇÃO HISTÓRICA: JOAQUIM DE FIORE

O século XII é caracterizado pela historiografia como o período de transformações culturais, políticas, sociais, e econômicas ocorridas nos povos da Europa ocidental. Nessa época ocorreram eventos de grande repercussão: a renovação da vida urbana, após um longo período de vida rural, girando em torno dos castelos e mosteiros; o movimento das Cruzadas, a restauração do comércio, a emergência de um novo grupo social (os burgueses) e, sobretudo, o renascimento cultural com um forte matiz científico-filosófico, que preparou o caminho para o renascimento italiano, eminentemente literário e artístico.

Neste período do Medievo que se situa Joaquim, nasceu em Celico na Itália, por volta do ano 1132 e faleceu a 30 de março de 1202, Sábado Santo, na Abadia de San Martino di Canale, Calábria, seu corpo foi trasladado para a Abadia de San Giovanni in Fiore. Joaquim foi filho de Maurus de Celico, um notário ao serviço dos reis normandos da Sicília, tendo crescido na corte e recebido acurada formação intelectual.

Joaquim realizou uma peregrinação a Terra Santa, nesta fez uma experiência mística, aparentemente como resultado de uma grande calamidade, possivelmente uma epidemia – peste. No período litúrgico da Quaresma passou em contemplação no Monte Tabor, onde teve uma visão mística que acompanhará todo a sua vida. Regressando à Itália, possivelmente em 1159, embebido da experiência mística, entrou para a Abadia cisterciense<sup>1</sup> de Sambucina, nesta, dedicou-se à *Lectio Divina*, a contemplação e aos estudos da Sagrada Escritura, contudo, escusou-se em receber o hábito cisterciense e as Ordens Sacras. Provavelmente em 1168, face à oposição das autoridades eclesiásticas a este procedimento, tomou o hábito de Cister na abadia de Corazzo e foi ordenado presbítero.

Eleito abade, embora contra a sua vontade, Joaquim sentindo o peso do múnus abacial e que o governo da Abadia era um empecilho aos seus estudos da Sagrada Escritura, que ele considerava ser a missão da sua vida, pediu escusa ao papa Lúcio III, o qual em 1182 o desonerou do governo temporal da Abadia e entusiasticamente aprovou o seu trabalho, encorajando-o a prosseguir na abadia da sua escolha.

Passou os anos seguintes na abadia de Casamari na Itália, trabalhando afanosamente nos seus livros e estudos, recebe a aprovação papal por Urbano III (1185) e por Clemente III (1187), tendo este exortado Fiore a completar o seu trabalho e a submetê-lo à aprovação eclesiástica. Fiore retira-se para o eremitério de Pietralata, acabando depois por fundar uma nova ordem religiosa, a abadia de Fiore (ou de Flora) nas montanhas da Calábria, com a



aprovação do papa Celestino III, embora Joaquim mantivesse os princípios beneditinos da Ordem Cisterciense, contudo mais rigorosa e mais mística. No ano de 1200, Joaquim de Fiore submeteu publicamente os seus escritos ao exame do papa Inocêncio III, mas faleceu no Sábado Santo desse ano, antes de ser proferido o julgamento eclesiástico. O abade cisterciense Joaquim de Fiore marcou profundamente o seu tempo, o século XII, dando origem a um movimento denominado joaquinismo.

Estes dados históricos acerca da personagem Joaquim são importantes para compreender sua doutrina, pois a vida monástica: sua espiritualidade, primazia do estudo e oração dos textos da Sagrada Escritura e os aspectos de tensão escatológica que é a vida monástica, permitiram a Joaquim a construir sua doutrina.

## 2. PREFEÇÃO AO PENSAMENTO JOAQUINIANO: APOCALÍPTICA E ESCATOLOGIA

Para melhor adentrar-se ao pensamento do Abade Joaquim de Fiore, necessita-se balizar conceitos como apocalipse, escatologia<sup>2</sup> e história, em suas possíveis relações. Mottu assevera que:

O apocalíptico é um profeta que não está mais ligado à história e faz a experiência da noite, do abandono, quase do niilismo; mas isto significa que não 'prevê' somente um futuro que ainda não existe, prediz um futuro que não pode chegar, mas que, paradoxalmente, deve chegar (MOTTU, 2005, p. 97).

Partindo desta afirmação de Mottu, poder-se-ia mesmo corroborar a ideia segundo a qual o gênero apocalíptico toca matizes do profetismo, contudo de forma a não prender-se à história, mas antes permitindo digressões para o além-histórico, ou ainda, o trans-histórico. Assim, Joaquim, como todo teólogo, segundo Forte, possui em certo sentido uma alma apocalíptica, pois a tarefa do teólogo é pensar com categorias da *Ratio* o Eterno que se Revela na história. O fazer teológico esta precisamente neste hiato do Atemporal que se epifania no tempo. Joaquim como eminente teólogo, buscou no discurso teológico tocar o *meta-histórico* que entra na história, fazendo-se carne, pessoa de Jesus.<sup>3</sup>

No estudo dos gêneros literários da Sagrada Escritura, a apocalíptica é situada historicamente posterior ao gênero profético, a apocalíptica toma elementos do profetismo. Há seguramente um nexa incontestável entre a profecia e a apocalíptica. A apocalíptica é a derradeira grande expressão teológica do antigo espírito israelítico, trata-se segundo *Dingermann*, de um novo olhar para o futuro e da última forma de falar das esperanças referentes ao fim (DINGERMANN, 2004, p. 419).

A apocalíptica, segundo Lindblom, é a revelação de uma doutrina secreta de conteúdo escatológico (LINDBLOM, 1972, p. 423). A apocalíptica exerce na escatologia, (doutrina



que trata das esperanças), veterotestamentária um novo estágio de *transcendência*, no qual considera o fim da história e a vinda de um mundo novo.

Por tanto, pode-se perceber um tensão entre o movimento apocalíptico, a escatologia e a história. Ambos se interpenetram, como rasgos se tocam. A escatologia não nos permite ao perigo de concebermos a história como fatalismo, desespero, finitude, mas antes, abre-nos para o atemporal; contudo, a categoria da história coloca-nos frente o *já aqui*, não permitindo-nos desinteresse pelas realidades sócio-históricas e humanas. Assim, a sadia tensão entre história e escatologia impede ao homem de cair em dois extremos, a saber: historicismo e o escatologismo. A teologia cristã sintetiza muito bem esta realidade posta, com a categoria do *já e ainda não*, que invitam ao homem a construir a *Civitas Dei* sem prescindir das relações sócio-políticas; não se olvide que na teologia da Encarnação o humano e o divino se unem sem confusão.

### 3. A DOCTRINA ESCATOLÓGICO-TRINITÁRIA DA HISTÓRIA EM JOAQUIM DE FIORE

Após, a apresentação dos pressuposto-escatológicos e histórico e sua interpenetração, pois como vimos ambos eclode um no outro. É-nos posto a tarefa de discorrer acerca da doutrina joaquinista contida principalmente em sua obra: *Tertium Testamentum* e *Tractatus super quattuor Evangelia*.

Joaquim recebeu influência dos movimentos quiliásticos, o termo origina-se do grego *quilia*, ou seja, milênio. Apoiando-se no livro neotestamentário Apocalipse (Ap 20,2-7) se espera que Cristo reinará mil anos na terra antes do fim do mundo e do juízo final. Esta ideia milenarista que havia desaparecido desde o século IV, Joaquim a sistematizou a partir do conceito que se tinha de Deus (RATZINGER, 1984, p. 28). Estes movimentos permitiram a Fiore constituir uma visão teológica da história que não segue a grande tradição agostiniana acerca da compreensão da história. Assim, a teologia da História de Joaquim coloca-se como outra interpretação do centro da história, não como Agostinho que parte de Cristo, como centro, mas antes parte Joaquim da Trindade.

A teologia da história de Agostinho esconde um perigo, segundo Bruno Forte, pois, se Cristo é a norma universal e o centro escatológico do tempo, graças à sua singularidade atualizada pelo Espírito Santo, então tudo o que aparece fora de Cristo é pecado e negatividade. A tradição agostiniana embasada no pessimismo histórico e antropológico, baseada no absolutismo cristológico, abre o absolutismo do cristianismo, que abarcará nesta visão todas as decisões de bem, acarretando a problemática da autonomia das realidades terrenas e a dignidade e consistência do tempo histórico (FORTE, 1995, p. 21). A doutrina de Joaquim ao contrário da teologia da história agostiniana baseia o evoluir do tempo histórico no processo das Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, em sua eternidade, sem, contudo, diluir as Pessoas, um este naquele.



Joaquim após, acurada meditação e estudo da Sagrada Escritura e posta a mesma, na sua experiência mística, sente-se autorizado a superar o absolutismo crístico, favorecendo uma concepção mais trinitária da história. Assim afirma Falbel acerca da concepção trinitária da história de Joaquim de Fiore:

A importância teológica da doutrina trinitária na obra de Joaquim nos permite avaliar o seu papel na formação de sua concepção de história. A Trindade se manifesta na história da humanidade determinando suas etapas e permitindo uma interpretação. Mais do que isso, a Trindade serve de esquema para reconhecer uma escala de valores éticos no comportamento da humanidade, no roteiro de sua salvação (FALBEL, 1996, p. 274).

A doutrina joaquinista<sup>4</sup> afirma uma visão da história em etapas, ou tempos que se sucedem um ao outro: [...] *à idade do Pai ele vê suceder a idade do Filho e, agora já às portas, a terceira idade, a do Espírito [...]* (FORTE, 1995, p. 21). A idade do Pai é a da Lei, a do Filho a da graça e da liberdade plena no amor é a do Espírito Santo, numa preclara dialética das categorias teológicas de *profecia e cumprimento*.

Joaquim no *Liber Concordiae* apresenta-nos sua concepção acerca das idades:

Os mistérios da Pagina divina nos indicam três estados do mundo: o primeiro é aquele no qual estivemos sob a lei; o segundo, aquele no qual estamos sob a graça; o terceiro, que esperamos como próximo, no qual estaremos, o segundo está na posse da sabedoria, o terceiro na plenitude da inteligência. O primeiro na servidão servil, o segundo na servidão filial, o terceiro na liberdade [...]. O primeiro no temor, o segundo na fé, o terceiro em pleno dia. O primeiro na luz das estrelas, o segundo na luz da aurora, o terceiro em pleno dia. O primeiro no inverno, o segundo na primavera e o terceiro no verão [...]; o primeiro estado se refere ao Pai, criador de tudo, o segundo ao Filho, que se dignou assumir a nossa lama, o terceiro ao espírito santo, do qual disse o Apóstolo: 'Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade' (2Cor 3,17).(FORTE, 2005, p. 104).

Sua concepção teológica da história conduz a uma visão que toca aspectos da doxologia litúrgica,<sup>5</sup> as orações litúrgicas são patofinalizadas, cristomediadas e pneumato-amalgamadas, ou seja, tem no Pai a finalidade, no Filho a mediação sacerdotal e no Espírito Santo, Aquele que forma no orante o louvor. Joaquim coloque sua doutrina sob o influxo da teologia litúrgica, esta assevera que no Pai tem a origem de tudo, no Filho a mediação desta graça e o Espírito Santo como que amalgama em nós a oração, num movimento catabático e anabático. Ainda que, com matizes diversos, Joaquim recebe o influxo do ambiente que vive sua espiritualidade, a saber, a vida monástica, onde a liturgia ocupa lugar de primazia.

Joaquim soube pensar historicamente a Trindade e trinitariamente a história. A história como o *locus*, o espaço, e a forma da revelação divina, assim, Joaquim defronta-se com a tarefa de pensar o Mistério da Trindade, na história, pois a Revelação se dá na história, é a Salvação que se irrompe na história, fazendo-a ser *Historia Salutis*.



Fiore pensa o Deus Trinitário a partir dos acontecimentos da Revelação, o Deus *Uno-Trino* é entendido como dinamismo fecundo das relações das Pessoas divinas, contudo estas Pessoas, ligadas na história, sem reduzi-las a mesma. Partindo do próprio modo revelatório da Trindade como é em si (imanente) se revela na economia, assim Joaquim pensa a mesma história como sendo penetrada pela Trindade.

No *Tractatus super quattuor Evangelia*, Joaquim afirma que estas três *idades* ou *etapas* procedem igualmente da Trindade toda, mostrando sua teologia trinitária, cujas obras, [...] *embora num certo aspecto sejam atribuídas distintamente a cada uma das pessoas, [...] não podem estar minimamente divididas pelo motivo da suprema unidade* (FIORE, 1930, p. 21-27).

Partindo desta afirmação, Crocco (CROCCO, 2005, p. 105), defende a tese, segundo a qual, Joaquim parece ser perfeitamente ortodoxo no campo trinitário, portanto, ocidental na linguagem e na defesa do *Filioque*,<sup>6</sup> mas tocando na teologia patrística grega que parte da economia e do Pai como fonte que principia tudo.

Forte, constata a grandiosidade da concepção de Joaquim, pois, liga a vivência humana às raízes eternas, bem como, capta-se o evoluir dos tempos históricos não como algo suspenso na nada, mas antes baseada nas próprias Pessoas divinas, num preclaro movimento de vida que provém de algo que supera a história, a partir dela mesma (FORTE, 1995, p. 22-23).

Na teologia trinitária e histórica de Joaquim a Trindade passa a ser o sentido, a gênese e o lugar adoravelmente transcendente e na expressão de Forte: *a Pátria da história do mundo*. Portanto como assevera De Lubac, para Joaquim a idade do Pai se estendia até a encarnação, dando lugar a idade do Filho, que era a da Igreja, mas já anunciando a terceira idade a do Espírito Santo que nas palavras de Joaquim reinaria. A terceira idade seria a do reinado do Espírito Santo (LUBAC, 1995, p. 23).

Esta é a novidade de Joaquim de Fiore, ele situa a tensão escatológica do *já e ainda não* para o sentido apocalíptico, não como o lugar das últimas coisas, mas como o lugar das coisas vindouras e novas que se devem realizar nesta terra e neste tempo terreno. Contrapondo-se a Agostinho, o Abade calabrês, não busca a perfeição no além de toda a realidade terrena, mas numa perfeição como fase terrena, como algo atingível não só no além-escatológico, mas no atingível nesta vida e na história (GRUNDMANN, 1995, p. 23).

Contudo, Fiore não inova no método, apropria-se do já conhecido método alegórico, tão caro ao período patrístico, e a equivalência de fatos passados, presentes e futuros nem relação aos textos da Sagrada Escritura, mas foi antes o primeiro a colocar o método alegórico para interpretar a história. Joaquim utilizando-se do método alegórico aplica-o para interpretar a história partindo da Trindade das Pessoas divinas, historicizando a Trindade (economia) e trinitarizando a história.



Como decorrência de seus estudos e doutrina das *idades* Joaquim calculou o número de gerações de cada *idade*, aproximativamente cada idade teria quarenta gerações e cada geração uns trinta anos, assim alcançou o cálculo de que no ano de 1260 seria o *Eschaton*. Sua doutrina apontava para a irrupção do Espírito Santo, de seu reinado na terra.

A doutrina de Joaquim não evita a acentuação do *solus Spiritus*, isto se deve tanto mais a carência teológica da atenção a terceira Pessoa, há certamente um déficit de estudos Pneumáticos.<sup>7</sup> Assim, pela constatação do déficit do Tratado da Pneumatologia, Joaquim como acentua Mottu, faz uma teologia da esperança sob a forma de teologia do espírito Santo, sob a recuperação do pensamento apocalíptico, presente nos escritos neotestamentários.

## CONCLUSÃO

Caber-nos-ia inquirir com Yves Congar se de fato a teologia do ocidente é cristomonista, ao invés de ser trinitária, crítica esta da teologia oriental mais trinitária e apofática. Partindo desta consideração, poder-se-ia mesmo ponderar – Joaquim de Fiore não tenta ultrapassar este déficit trinitário e com acentos pneumatológicos na teologia ocidental? Não olvidemos que não é intenção deste artigo apresentar soluções acerca desta questão, mas busca antes colocar a questão para a ulterior reflexão teológica.

Contudo, poder-se-ia ponderar acerca da ortodoxia ou heterodoxia de Joaquim, para tanto, teremos que ponderar alguns dados. Primeiramente deve-se considerar a rápida difusão do joaquinismo e as matizes de acentuação interpretativa de sua doutrina.

Boaventura<sup>8</sup> assume a tarefa de salvaguardar algo do joaquinismo, segundo o mesmo, não há um tempo do Espírito Santo em sentido autônomo da cristologia. O tempo do Espírito é o tempo de Cristo, não havendo uma separação e independência do Pneuma, pois o Espírito é de Cristo. Contudo, o pensamento do aquinate – Tomás de Aquino – foi implacável contra o joaquinismo, ainda que, aceitando a tipologia da doutrina de Fiore, santo Tomás rejeita a busca de paralelo entre o traço particular neotestamentário com um dado veterotestamentário. Para a teologia de Tomás, Joaquim separa o Pneuma da cristologia. Congar assevera que não pode haver outro tempo além do Cristo que é simultaneamente tempo do Espírito – dom do ressuscitado à comunidade eclesial e humana.

Alguns criticam a doutrina joaquinista, pois afirmam que a mesma aprisiona da Trindade na história, contudo, Bruno Forte, não corrobora esta visão, pois, na doutrina de Joaquim há uma esperança transcendente, fundada naquilo que é mais que a história, bem como, apresenta a Trindade como se revelando na história não esvaziando a imanência Trinitária em detrimento da Trindade econômica.



Um segundo aspecto é que a doutrina de Fiore deve ser compreendida como alegórica, sua visão é o coroamento da tradição patrística e do método exegético do medievo, este aspecto é ponderado por H. de Lubac (LUBAC, 2005, p. 487).

B. Filho apresenta uma boa defesa de Joaquim ao afirmar que o mesmo, não pode ser responsabilizado pelas distorções de sua doutrina e pelo uso do quiliástico de suas ideias. E mais, dever-se-ia considerar uma distinção entre a Doutrina de Joaquim de Fiore e o joaquinismo, pois não raros interpretes do pensamento de Fiore são superficiais, estancando as *idades* como momentos estanques e de superação radical de cada nova *idade* em relação à antecessora. Contudo não se olvide que o milenarismo joaquinista sempre foi visto com reservas pela Igreja (FILHO, 2007, 117).

Como última análise pondera Forte um parecer acerca de Joaquim, ele [...] *é e permanece uma testemunha do Transcendente, um monge que se preocupou com o eterno e ousou pensá-lo como o único fundamento verdadeiro do devir do tempo* (FORTE, 2005, p. 108). E mais [...] *Joaquim é mais um exegeta do que um profeta, é um fiel servidor do Verbo* (FORTE, 2005, p. 111).

## BIBLIOGRAFIA

CONGAR, Y. Pneumatologia ou “christomonisme” dans La tradition latine? **Ephemerides Theologicae Lovanienses**, Lovain, n. 45, 1969, p. 394-48-16.

CONGAR, Y. M-J. **El Espíritu Santo**. Barcelona: Herder, 1991.

CROCCO, A. La teologia trinitária di Giacchino da Fiore, In: FORTE, B. **Nos caminhos do Uno**. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 98-120.

DINGERMANN, F. O anúncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim. Os indícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: SHREINER, J. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004, p. 393-404.

FORTE, B. **Nos caminhos do Uno**. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005.

FORTE, B. **Teologia da História**. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995.

GRUNDMANN, H. Studi su Gioacchino da Fiore. In: FORTE, B. **Teologia da História**. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 19-34.

FALBEL, N. São Bento e a Ordo monachorum de Joaquim de Fiore (1136-1202). In: **Revista USP**, Universidade de São Paulo <http://www.usp.br/revistausp/30/22-nachman.pdf>. Acessado em 18 de março.

FILHO, M. B. Escatologia e apocalíptica em Joaquim de Fiore. Uma leitura crítica do Tertium Testamentum. In: Tepedino, A. M. **Amor e discernimento**. Experiência e razão no horizonte pneumático das Igrejas. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 105-128.

FIGLI, J. **Tractatus super quattuor Evangelia**. Roma: E. Buonaiuti, 1930.





LINDBLOM, J. Gibi es eine Eschatologie bei den alttestamentlich Profheten? **Studia teológica**, Berlin, 1972, 6, 79.

LUBAC, H. de. La poterità spirituale. In: FORTE, B. **Teologia da História**. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 485-516.

LUBAC, H. de. **Revelação e experiência do Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

MOTTU, H. La manifestazione dello Spirito secondo Giacchino da Fiore. In: FORTE, B. **Nos caminhos do Uno**. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 86-103.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**: teologia das tradições históricas de Israel. São Paulo: ASTE, 1986.

RATZINGER, J. **Escatologia**. La muerte y La vida eterna. Barcelona: Herder, 1984.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Herder, 1970.

SANTOS, L. A. R. **Nada antepor ao amor de Cristo**. Diretoria Espiritual dos Monges e Monjas da Congregação Brasileira. São Paulo: Musa, 2007.

SHREINER, J. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> A Ordem Cisterciense foi fundada por São Roberto, Alberico e Estevão no ano de 1098, no século XI. A sua origem remonta à fundação da Abadia de Cister (em latim, Cistercium; em francês, Cîteaux), na comuna de Saint-Nicolas-lès-Cîteaux, Borgonha, em 1098, por Roberto de Champagne, abade de Molesme. Este, juntamente com alguns companheiros monges, deixara a congregação monástica de Cluny para retomar a observância da antiga regra beneditina, como reação ao relaxamento da Ordem de Cluny. Através da "Charta Charitatis", em complemento à regra da Ordem de São Bento, Estevão - terceiro abade de Cister - estabeleceu que a autoridade suprema da Ordem seria exercida por uma reunião anual de todos os abades. Os mosteiros eram supervisionados pelo mosteiro-sede, em Cîteaux, e pelos quatro mosteiros mais antigos da Ordem. A ordem terá um papel importante na história religiosa do século XII, vindo a impor-se em todo o Ocidente por sua organização e autoridade. Uma de suas obras mais importantes foi a colonização da região a leste do Elba, onde promoveu simultaneamente o cristianismo, a civilização ocidental e a valorização das terras. Os cistercienses combinavam dois elementos da tradição monástica: uma componente de vida eremítica – a solidão e o silêncio em que viviam os monges para dedicar-se à oração – e a vida fraterna proposta pela Regra de São Bento que, por sua vez, realiza o ideal da vida apostólica, ou seja, a unanimidade de coração e alma da comunidade primitiva de Jerusalém em torno dos Apóstolos, uma existência em que o amor de Deus transborda em amor fraterno e comunhão. Dentro de um quadro de austeridades que compreendem não só o afastamento do mundo (porém não um desinteresse pelo mundo em suas carências e aflições), mas também o despojamento da pobreza e da simplicidade, um regime alimentar sóbrio e a fecunda monotonia do trabalho manual, unidas a um intenso ritmo de oração (comunitária – o ofício divino recitado em coro – e individual) e a *lectio* divina (leitura meditada que leva à oração, sobretudo usando a Sagrada Escritura), o monge deveria encontrar a Deus. Tratava-se de um mosteiro reformado, como muitos de seu tempo, em que se procurava viver a vocação monástica de uma forma mais autêntica, sem compromissos com o mundo, seus negócios e interesses, buscando só a Deus na pobreza, no despojamento, no trabalho das próprias mãos, no silêncio e na oração. Os cistercienses seguiam a Regra de São Bento, escrito que reflete a sabedoria espiritual daquele que é considerado o patriarca dos monges do Ocidente e que viveu na Itália, no século VI (SANTOS, 2007).



<sup>2</sup> O exegeta Gerard von Rad, acerca do termo escatologia, assim pondera: "Estamos ainda muito longe de um acordo sobre o que convém chamar de escatologia. Muitos especialistas abordam este conceito com grande reserva, porque, segundo eles, mais encobre do que revela. Só aceitam empregá-lo quando expressamente se trata do fim dos tempos, da realização da história, isto é, de acontecimentos que se situam fora da história" (Von RAD, 1986, p. 111).

<sup>3</sup> O Evangelista João assim reza: "*Theou oudeis eoraken popote; monogenes theos [...] exegesato*". Que se pode traduzir assim: "O que ninguém jamais viu – Ele no-lo explicou, aquele que descansa no seio do pai". Cf. Jo 1, 18. Nota-se que o verbo grego *exegeomai* significa: explicar, interpretar, assim Cristo seria, Aquele que nos explica, interpreta, expõe o segredo (mysterion) de Deus Pai (RATZINGER, 1970, p. 22). (1970), J. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Herder, 1970, p. 22.

<sup>4</sup> "El pensamiento de Joaquín proviene de una visión de la *concordia* o inteligéncia de las correspondéncias entre los elementos de la historia veterotestamentaria, los de la histórica evangélica y los passados y futuros de la Iglesia. A la *littera veteris Testamenti*, a la *littera novi Testamenti*, debe de suceder um *tertius status*, uma edad o régimen nuevos. A cada uma de las personas de la santíssima Trinidad se atribuye cada uno de los três estádios así distinguidos. *Tres status mundi propter três Personas Divinitatis*" (CONGAR, 1991, p. 154).

<sup>5</sup> Os textos eucológicos, como as Coletas: iniciam fazendo uma referência ao Pai e concluem – "Por Nosso Senhor Jesus cristo na unidade do Espírito Santo"; os salmos na Liturgia das Horas finalizam: "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo"; e as Anáforas, como a de Hipólito de Roma confluem assim: "[...] ut te

<sup>6</sup> "Assim como o Espírito Santo não procede só do Filho, mas, como dizem os santos doutores, principalmente do Pai [...]", Joaquim no *Tractatus* assevera sua ortodoxia quanto à processão do Espírito Santo do Pai e do Filho, corroborando a tese de Crocco acerca da ortodoxia de Joaquim no que concerne a teologia trinitária.

<sup>7</sup> Bruno Forte assevera acerca do déficit pneumatológica na reflexão teológica: "Se existe uma acentuação entusiasta do *solus Spiritus veritatis* e do *evangelium spirituale*, isto é devido tanto à reação a uma certa carência pneumatológica encontrável na tradição ocidental, como a uma tensão otimista, a uma esperança viva, fundada, na maneira mais radical, no significado trinitário da história". FORTE, B. **Nos caminhos do Uno. Metafísica e teologia**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 107. Para uma melhor consideração acerca desta carência pneumatológica consultar o artigo de Congar (1969).

<sup>8</sup> São Boaventura O.F.M. (1221-1274), foi um filósofo e teólogo escolástico medieval nascido do século XIII. Pertenceu à Ordem dos Frades Menores e foi cardeal de Albano. Boaventura foi ainda canonizado em 1482 e declarado Doutor da Igreja em 1588 com o título de Doutor Seráfico (Doctor Seraphicus).

Artigo Recebido em 17/12/2012  
Artigo aprovado em 28/12/2012